

*Paul Auster*

CONTO DE NATAL  
DE AUGGIE WREN



*Ilustrações de Isol*

*Tradução de Rubens Figueiredo*

  
CIA. DAS LETRAS



Copyright do texto © 1990 by Paul Auster, publicado originalmente em *The New York Times*, 25 de dezembro de 1990

Copyright das ilustrações © 2003 by Isol  
© 2007 by Random House Mondadori, S.A.,  
Travessera de Gràcia 47-49, 08021 Barcelona

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original:* Auggie Wren's Christmas story

*Preparação:* Márcia Copola

*Revisão:* Andressa Bezerra da Silva e Veridiana Maenaka

*Composição:* Lillian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Auster, Paul

Conto de Natal de Auggie Wren / Paul Auster ; Ilustrações de Isol ; tradução de Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Auggie Wren's Christmas story.  
ISBN 978-85-359-1524-2

1. Contos norte-americanos 2. Histórias de natal I. Isol. II. Título.

09-07492

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

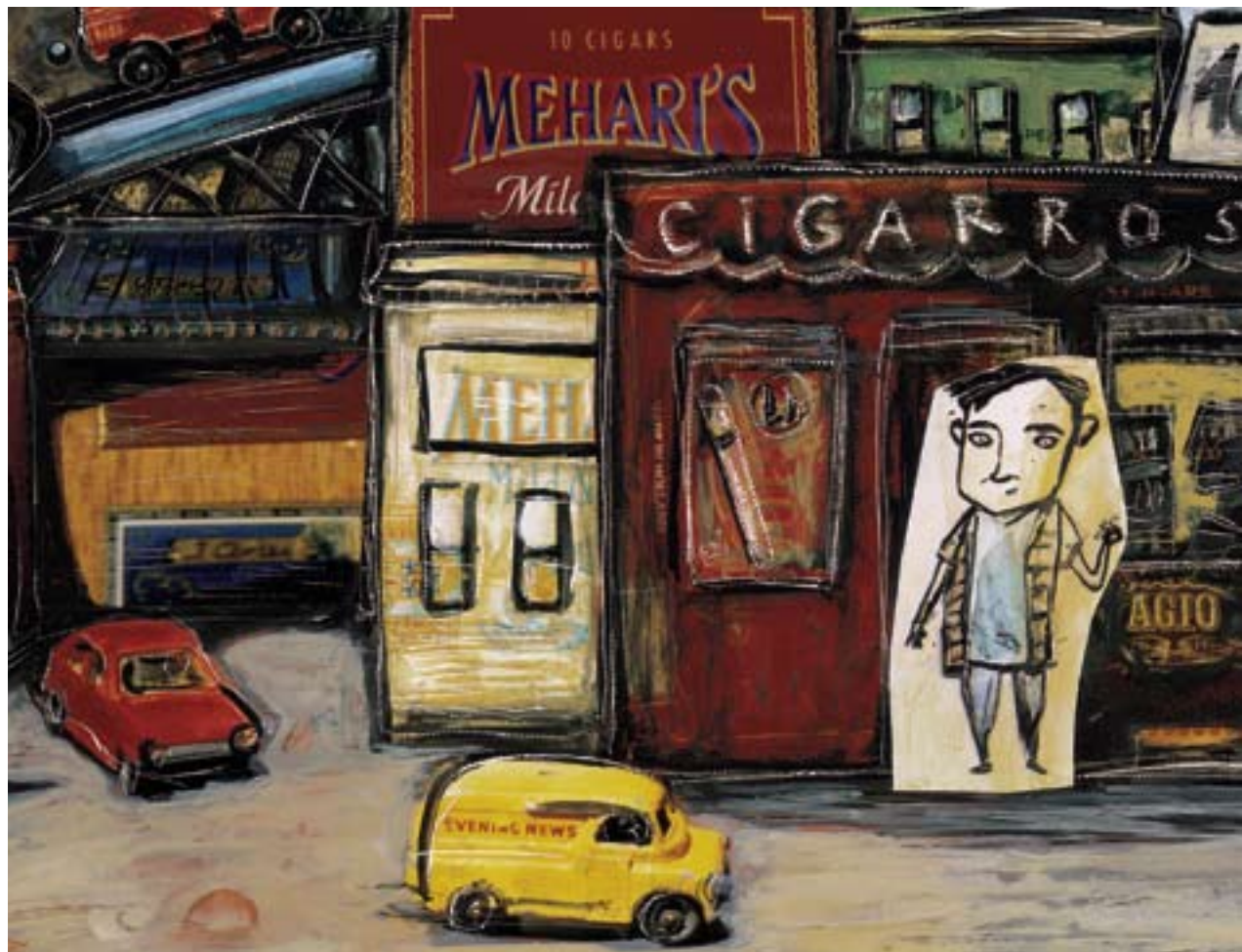
## CONTO DE NATAL DE AUGGIE WREN



**F**oi Auggie Wren quem me contou esta história. Como Auggie não faz um papel muito bonito no conto, ao menos não tanto quanto ele gostaria, me pediu que não usasse o seu nome verdadeiro. A não ser por isso, toda a confusão sobre a carteira perdida, a mulher cega e a ceia de Natal vai reproduzida aqui exatamente como ele me contou.

Está fazendo agora quase onze anos que Auggie e eu nos conhecemos muito bem. Ele trabalha no balcão de uma tabacaria na rua Court, no centro do Brooklyn, e, como é a única loja onde tem os charutos holandeses pequenos que eu gosto de fumar, vou lá com frequência. Durante um bom tempo não prestei atenção em Auggie Wren. Ele era o sujeitinho estranho que usava um suéter azul com capuz e me vendia charutos e revistas, o tipo do sujeito gozador, piadista, que sempre tem uma coisa engraçada para dizer sobre o tempo, sobre beisebol ou sobre os políticos em Washington, e era só isso.

Mas um dia, alguns anos atrás, aconteceu que ele estava folheando uma revista na loja e topou com uma resenha de um de meus livros. Soube



que era eu por causa de uma fotografia que acompanhava a resenha, e depois disso as coisas entre nós mudaram. Eu já não era só mais um freguês para Auggie, tinha virado alguém ilustre. A maioria das pessoas não dá a menor bola para livros e escritores, mas o fato é que Auggie se considerava um artista. Agora que ele tinha desvendado o segredo de quem eu era, me tomou como um aliado, um confidente, um companheiro de luta. Para dizer a verdade, achei isso meio constrangedor. Então, como era quase inevitável, chegou a hora em que perguntou se eu não estava a fim de ver suas fotografias. Diante do entusiasmo e da simpatia dele, parecia não haver a menor possibilidade de eu recusar o convite.

Só Deus sabe o que eu estava esperando. Para dizer o mínimo, não era nem de longe aquilo que Auggie me mostrou no dia seguinte. Num cômodo pequeno e sem janela nos fundos da loja, ele abriu uma caixa de papelão e pegou doze álbuns de fotografias pretos e idênticos. Era a obra de toda a sua vida, disse ele, e não tinha levado mais de cinco minutos por dia para

construí-la. Toda manhã, nos últimos doze anos, ele parou na esquina da avenida Atlantic com a rua Clinton às sete horas em ponto e tirou só uma foto colorida, exatamente do mesmo ângulo. Agora o projeto já chegava a mais de quatro mil fotografias. Cada álbum representava um ano diferente, e todas as fotos estavam dispostas em sequência, de 1º de janeiro até 31 de dezembro, com as datas cuidadosamente anotadas em cada uma.

